

TRES POEMAS
Pedro Lago
TXT TEMER, 3/2018

I

Parado no canto da sala
o último pedaço de sombra,
a pele alva, como se o sol
fosse rasgar os poros,

o horror de morrer queimado
quando a sombra sumir,

arranha a parede
com as unhas,
a ideia de dor parece
inconcebível,

desgaste, feridas nos dedos,
avança lentamente pelo chão,
cai o último pedaço de cortina,
o golpe é violento, gritos,
angústia, desespero,

já no chão, minutos depois,
percebe que não morrerá disso,
a pele ruborizada
mostra marcas retangulares,
a linha da janela

e levanta-se desconfortável
e sente a brisa tocar
o corpo nu,
a janela não parece mais
o emblema da morte,

só o sol e o céu

pular não seria
de todo ruim,
mas preferiu respirar fundo,
como se gostasse.

II

Não estava lá.

Procurei no pequeno jardim entre as margens,
no banco verde diante da estátua do poeta,
na mesa de tecido antigo debaixo do sol do sábado,
na caneta quase gasta da pequena conversa,
em tantos que caminham ao redor da catedral.

Ladeiras brilhantes que sugam e acendem,
terríveis súplicas nas esquinas frias,
cachorros, olhos, carícias nos parques,
tudo se desata em maioria na capital.

Procurei na suspensão difícil da tarde,
dentro do vagão calado, taciturno,
idas e vindas sem encontros,
sem clareza, sem perspectivas simples,
no meio da multidão que se espreme com pressa,
nas encruzilhadas confusas das pernas que queimam,
o ridículo diluído em doses absurdas de confrontos
entre a memória e o corpo que dói.

Procurei nas rodas das bicicletas,
no choro das crianças, nas conversas inúteis,
na simpatia dos vendedores impassíveis.

Um fio perdido no metal,
a chave jogada no fundo do rio,
esse sentido inevitável dos objetos
que não se pertencem,
grandes constelações grifadas no papel.

E como quem se desespera
no fim de um caminho de pedras ,
o corpo perde-se de si e volta ao túmulo
debaixo do velho oceano escuro.

- os fatos se elaboram como brisas e fumaça e nada -

Procurei, sem temer, o descolamento do grande tecido,
dentro das estruturas fracas, dos ossos,
do sangue que pulsa e não cessa
mesmo que tudo evapore
e reste apenas debaixo das unhas
uma pequena raspa de brilho.

III

Na noite do dia quinze de março de dois mil e dezoito
o vento arrancou imensos galhos rígidos
em estampidos ensurdecedores pela cidade ocupada de gritos.
Não faziam vinte e quatro horas que Marielle e Anderson Pedro
dentro de um carro branco na rua Joaquim Palhares com
João Paulo I haviam sido brutalmente executados:

Marielle com 4 tiros na cabeça;
Anderson Pedro com três no tronco;
Fernanda sobreviveu.

Cada galho caía no asfalto como pedaços de concreto puído
e os golpes de ar em movimento cortavam a multidão
espalhada pelo centro da cidade do Rio de Janeiro.
A ânsia coletiva uniu-se numa simbiose de revolta
ainda que o som das hélices atravessasse o silêncio da praça
quando os caixões saíram da câmara de vereadores.
Palmas e flores e lágrimas eram punhos cerrados
na marcha de corpos suados naquele interminável fim de verão.
De ponto a ponto esse corpo amálgama rugia justiça
aos que tiveram arrancada a trajetória
no dia quatorze de março de dois e dezoito:

Marielle com trinta e oito anos;
Anderson Pedro com trinta e nove.

E a voz daqueles que gritaram (e gritam) avançou os limites da cidade
e cresceu simultaneamente num corpo urgente
tomando cada espaço das ruas numa geografia robusta.
Fazia quinze meses que Marielle talhava fala firme
contra uma vigência sombria infestada nos corredores das esferas do poder.
Quando o carro branco parou o movimento no bairro do Estácio
Marielle e Anderson Pedro não estavam mais aqui.
Estavam em todos os lugares. Agora e sempre.